

Design ativismo e intervenção urbana: dissenso e especulação no espaço público

*Design activism and urban intervention:
dissent and speculation in public space*

DAOU, Ísis; Mestranda; Escola Superior de Desenho Industrial (Esdi/Uerj)

isisdaou@gmail.com

A partir da discussão de diferentes visões sobre design ativismo e como este se articula com uma atuação convencional de design, são discutidas suas potencialidades como ferramenta especulativa de ideação de outros futuros possíveis, bem como uma prática que tensiona os limites do próprio exercício profissional de design. O design ativismo por meio da intervenção urbana é defendido como um ato estético promotor da cultura do dissenso, além de ferramenta mediadora de discursos no espaço público. Por fim, é apresentado um experimento prático que atualiza os conceitos discutidos, desenvolvido como proposta da disciplina “Design para um Mundo em Colapso”, ministrada por Zoy Anastassakis, Wellington Cançado e Frederico Duarte no segundo semestre do ano de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial.

Palavras-chave: Design ativismo; Design especulativo; Intervenção urbana.

Starting from the presentation of different views on design activism and how it is articulated with a conventional design practice, its potentialities are discussed as a speculative tool for the ideation of other possible futures, as well as a practice that defies the limits of the professional exercise of design itself. Design activism through urban intervention is defended as an aesthetic act that promotes the culture of dissent, as well as a mediating tool for discourses in public space. Finally, a practical experiment that revises the discussed concepts is presented, developed as a project for the discipline "Design for a Collapsed World", taught by Zoy Anastassakis, Wellington Cançado and Frederico Duarte in the second semester of 2021 in the Postgraduate Program in Design in Escola Superior de Desenho Industrial.

Keywords: Design activism; Speculative design; Urban intervention.

1 Introdução

O presente artigo integra uma pesquisa de mestrado em andamento, de natureza exploratória, acerca de aspectos conceituais e práticos sobre o design ativismo no Brasil. Tratando-se de uma área emergente nas últimas décadas e em crescente interesse no contexto atual, o que se entende por design ativismo ainda é um campo de pesquisa e prática em desenvolvimento, que não apresenta um arcabouço conceitual ou metodológico amplamente consolidado. Além disso, quando consideramos o referencial teórico que existe sobre design ativismo, os principais autores e pesquisadores são de origem europeia ou norte-americana, havendo uma contribuição ainda esparsa de pesquisadores sul-americanos, o que restringe o alcance e a diversidade do debate deste campo teórico aos contextos dessas localidades.

Um dos objetivos da minha pesquisa é proporcionar maior familiaridade com o tema do design ativismo no âmbito acadêmico no Brasil à luz das circunstâncias específicas de nosso país. Neste artigo, proponho uma investigação voltada ao potencial especulativo e de produção de subjetividade que a prática de design ativismo abarca, usando como meio de aplicação a intervenção urbana. Meu objetivo, neste artigo, é aproximar tais práticas e abordagens numa mesma discussão, facilitando a elaboração sobre suas possíveis associações e utilizações de forma agregada.

A primeira parte do artigo se baseia numa pesquisa bibliográfica sobre as origens e diferentes entendimentos do que é design ativismo. Na sequência, desenvolvo considerações a respeito do potencial especulativo da prática de design ativismo, a considerar sua desobrigação às demandas comerciais e motivações comumente advindas de questões políticas e sociais emergentes. Na terceira parte, situo a prática de design ativismo no contexto dos espaços públicos, entendendo a intervenção urbana como um promissor meio para produção de atos estéticos de dissenso (MARKUSSEN, 2020) e desenvolvimento de novas formas de subjetividade (GASPAR, 2011).

Por fim, articulando os conceitos elaborados anteriormente, apresento um experimento prático realizado por mim de forma localizada: primeiramente, exponho os critérios e premissas que o definem como ação de design ativismo, de caráter especulativo, executada na forma de uma intervenção urbana; em seguida, descrevo as etapas que empreendi para sua realização e quais experiências e aprendizados foram colhidos neste processo.

2 Design em manifesto: da contestação ao ativismo

Ao tratar de design enquanto prática profissional, compreende-se que as suas origens como atividade especializada se localizam no período da Revolução Industrial, quando se inicia a mecanização dos processos de produção de objetos. O marco inaugural do design profissional acompanha o desenvolvimento de uma sociedade capitalista industrial em que a demanda projetual por produtos se torna uma constante progressiva e almejada: como um dos braços do capitalismo, o campo do design se formaliza como prática de ideação e materialização de objetos tanto de desejo quanto de necessidade.

As posteriores transições do modelo econômico industrial — que prevaleceu até o fim da Segunda Guerra Mundial — para os subsequentes modelos econômicos baseados no consumo e no conhecimento seriam acompanhadas de perto por mudanças também na prática do design. Na realidade, os modelos econômicos viriam a moldar o próprio papel do design, uma vez que esta é uma atividade que ajuda a materializar formas “culturalmente aceitáveis” que representam o modelo econômico vigente, conferindo significado e valores e afirmando o paradigma dominante (FUAD-LUKE, 2009).

Dados históricos apontam o paradigma dominante do campo do design como uma atividade de teor pragmático, destinada a prestar serviços que respondam às demandas comerciais de determinados contextos. No entanto, em contraponto a esse design hegemônico há, também, uma prática de design atravessada pelo idealismo, avessa às demandas comerciais ou que, no mínimo, contesta as prioridades de tais demandas. A prática de um design idealista, muitas vezes não remunerado, não se trata de uma ocorrência pontual na história da profissão, pelo contrário: segundo Forty, “as condições idealista e realista invariavelmente coexistem, ainda que desconfortavelmente, no trabalho do design” (1986: 242, tradução minha). Julier desenvolve essa separação da atividade em duas formas de atuação conflitantes:

A história do design nos diz duas coisas. Uma delas é que a profissão de design sempre foi moldada por forças econômicas, sociais, políticas e culturais. A outra é que muitos designers e educadores de design são idealistas. Essas duas questões permanecem em conflito. A primeira sugere que o design é uma atividade passiva e pragmática destinada a responder aos fluxos e refluxos da mudança local e global. É impulsionado pelo serviço a interesses mais amplos. Mas os designers também estão interessados em melhorar o que existe (JULIER, 2011: 2, tradução minha).

Por se tratar de um tipo de prática diretamente relacionada à materialização de ideias e produção da realidade, o uso de design para satisfazer outras motivações além das demandas comerciais tornou-se comum desde os primórdios da profissão. Esse viés idealista ou inconformista do exercício do design se fez visível por décadas de história por meio de motivações que se contrapunham à prática dominante da profissão em seu contexto local. Movimentos, organizações e profissionais eminentes contestaram meios e métodos de produção, inclinações estilísticas, desigualdade social e, nas décadas mais recentes, também o impacto da produção industrial e capitalista sobre o meio ambiente. Fuad-Luke, um dos principais estudiosos do tema, traçou uma linha do tempo sobre as variadas práticas de design ativismo ao longo da história do design (FUAD-LUKE, 2009).

A emergência do design ativismo nas últimas décadas é vista em parte como resposta às recentes crises do neoliberalismo e de processos de mudança tanto da globalização e industrialização avançada quanto de discursos e práticas de indivíduos e grupos motivados a encontrar caminhos alternativos à sua prática em a partir da indústria *mainstream* (JULIER, 2015). O que se entende por design ativismo não parece se tratar de atividade definida apenas pela conscientização social e política da profissão — o surgimento de termos como critical design, design participativo e design social, para citar alguns exemplos, são indícios de que a prática de design pode tomar muitas formas e abordagens, mesmo quando não orientada diretamente pelas demandas comerciais.

Thorpe (2011) faz uma das primeiras tentativas de definição de design ativismo de uma perspectiva sociológica e baseada em conceitos de ativismo provenientes de pesquisas sobre movimentos sociais, ainda que também considere que a variedade de exemplos na literatura nos mostre que cada caso é único, e que a prática de design ativismo pode assumir inúmeras formas. A autora enumera quatro critérios básicos que definem como o design ativismo opera:

- Revela publicamente ou enquadra um problema ou questão desafiadora.
- Faz uma reivindicação contenciosa de mudança (exige mudança) com base nesse problema ou questão.
- Trabalha em nome de um grupo negligenciado, excluído ou desfavorecido.

- Rompe com práticas rotineiras, ou sistemas de autoridade, o que lhe confere a característica de ser não convencional ou não ortodoxo — fora dos canais tradicionais de mudança (THORPE, 2011:6, tradução minha).

Markussen (2013) considera a definição de Thorpe insuficiente por não identificar elementos centrais para a prática, tais como técnicas, métodos, objetivos, público-alvo e potencial de alcance, além de outros critérios para o entendimento de diferentes tipos de design ativismo. Há, entretanto, entre os principais estudiosos do tema — Fuad-Luke, DiSalvo, Thorpe, Markussen e Julier, entre outros — o consenso de que o design ativismo se trata de uma prática disruptiva, que opera fora de um paradigma dominante de poder e controle, como uma contranarrativa a outras práticas de design de inclinação social.

Figura 1 — Enquadramento comparativo entre práticas de design ativismo e de design social

Design activism	Common characteristics	Social design
<ul style="list-style-type: none"> • participatory democracy • contests 'structural coupling', 'co-dependent affinities', 'locked in... constellations of meaning' and 'constituted relationships' • agonistic pluralism • interests of diverse communities • utopian logic • change of habitus • radical innovation • motivational framing 	<p>concerns for:</p> <ul style="list-style-type: none"> • people, social, society • participation and collective processes • sustainable futures and the sustainability prism – economic, social, institutional and environmental well-being • designers • activists • practices • processes • prognostic framing 	<ul style="list-style-type: none"> • participation in representative democracy • primary stakeholders work within a power structure predominantly defined by government • neo-liberal consensualism • negotiated interests • entrepreneurial logic • effectiveness within existing habitus • incremental innovation • diagnostic framing

Fonte: FUAD-LUKE, 2017:3

Mais recentemente, Fuad-Luke constrói uma argumentação voltada especificamente à diferenciação entre design social e design ativismo, atestando que o primeiro busca resultados efetivos por meio de capacitação e uso inteligente de ativos, enquanto o segundo se mostra como uma missão ideológica por meio de experimentações e contestações mais radicais. Isto é, embora ambos se comprometam com uma atuação preocupada com o bem estar social, o exercício de um design social tem um viés mais pragmático, atuando em conformidade às estruturas de poder, orientado a diagnósticos das situações; as ações de design ativismo, por outro lado, são dadas ao idealismo, orientadas por motivações, abertura de diálogo e contestação das próprias estruturas de poder. Zajzon, Bohemia e Prendeville endossam essa visão, atestando que

enquanto a inovação social visa fortalecer a democracia mais profundamente, o design ativismo está tentando endereçar as tensões subjacentes da democracia, muitas vezes agindo mais como uma forma de investigação do que fornecendo soluções; sendo mais um estado de espírito examinando ações transformadoras politicamente carregadas, do que correndo para implementar a ideia em um modelo de negócios. (ZAJZON, BOHEMIA e PRENDEVILLE, 2017:11, tradução minha).

Num dos estudos mais recentes de comparação bibliográfica acerca do tema, esses mesmos autores colocam lado a lado diferentes significados, visões e conotações sobre design ativismo a partir do referencial teórico dos principais estudiosos do tema nos últimos anos (ZAJZON, BOHEMIA e PRENDEVILLE, 2017). Comparando *frameworks* que abordam a prática sob diferentes critérios, eles buscam estabelecer uma base para uma compreensão mais coerente sobre o design ativismo, embora não se proponham a determinar uma definição única e cabível a todos os casos.

De forma geral, ainda que consideremos a falta de uma definição consolidada sobre o que é ou não design ativismo, é possível entendê-lo como uma atividade que experimenta com potenciais rupturas da ordem social existente. Ele também proporciona espaço para especulação, imaginação utópica e inovação radical normalmente pouco disponível para profissionais engajados em projetos designados para atender a demandas concretas.

Nessas condições, destoando de uma atuação mais convencional dos designers como prestadores de serviços pragmáticos, designers ativistas podem se ocupar de pensar em outros futuros possíveis, enxergando o contexto social de forma relativamente livre de constrições. Como sumariza Thorpe, a capacidade de “retratar visualmente ou experimentalmente visões de um futuro melhor” é o que faz valer a pena explorar ainda mais as experiências de design ativismo (2011:14, tradução minha).

3 Especulação de futuros por meio da prática de design ativismo

O surgimento de uma abordagem mais crítica ou especulativa na prática de design se deve, em alguma medida, ao desejo de designers de fazerem uso de seu potencial criativo para conceber projetos e iniciativas cujos objetivos não incluem a resolução de problemas, mas sim o contrário: apontar os problemas, sublinhar as circunstâncias que os envolvem ou suscitar a reflexão pública sobre tal. Porém, enquanto um projeto de design crítico pode ser orientado por questões como “por quê” algo acontece de determinada forma, o exercício do que se entende por design especulativo dá um passo além, perguntando-se: “e se?”.

Para Dunne & Raby, o propósito da especulação reside mais na perturbação do presente do que na previsão do futuro; abraçar a cultura especulativa na prática do design significaria poder explorar esse potencial de imaginação social de forma mais plena, abrindo espaço também para uma forma teórica de design dedicada a pensar, inspirar, refletir sobre e fornecer novas perspectivas sobre os desafios atuais (DUNNE & RABY, 2013).

A especulação no design, no entanto, não se restringe à teoria, pois se trata de uma ferramenta que oferece contribuições significativas para a prática projetual: como os mesmos Dunne & Raby atestam, a única forma de superar muitos dos problemas que enfrentamos no mundo hoje consistiria numa mudança de valores, crenças, atitudes e comportamento. O problema dessa situação reside na nossa capacidade reduzida de pensar para além do cenário político, social e econômico estabelecido: a prática convencional de design está tão “ancorada” nas limitações e costumes da própria indústria que pode permanecer em certa negação sobre a seriedade dos problemas, ou na proposição de projetos que estão sempre “respondendo” ao que está posto, quando novas ideias e atitudes poderiam ajudar a formatar outras realidades (idem).

O compromisso do design especulativo enquanto abordagem está justamente com a imaginação de outras realidades possíveis, o que exige um afrouxamento de critérios e limites rígidos na atividade projetual. Ao trazer o potencial especulativo para as práticas de design ativismo, viabilizamos a imaginação de outros mundos dentro do mundo existente (ibidem). No campo do design ativismo, a prática especulativa pode envolver a mobilização coletiva

desses desejos e visões de outros futuros possíveis, articulando discussões e proposições sobre a construção de tais possibilidades.

A especulação dentro da prática de design ativismo se aproxima, então, da criação de ficções catalisadoras do debate público, tecendo narrativas que encorajam discussões sobre necessidades e aspirações comuns acerca de determinado assunto. Design ativismo, nesse cenário, além de uma atividade mediadora de discursos, se torna também um ato estético que rompe com o consenso — isto é, transgride uma ordem hierárquica comumente compreendida e aceita em determinado meio social como norma.

Trata-se da demonstração de uma certa impropriedade, que rompe o consenso e revela uma lacuna entre o que as pessoas fazem e como elas se sentem e são afetadas por esse fazer. Ao criar essa abertura, o ato estético disruptivo torna o jogo entre o fazer e o afeto sensível a negociações renovadas. Assim, novas formas de pertencimento e habitar o mundo cotidiano podem surgir e novas identidades – sejam elas individual ou social – podem emergir (MARKUSSEN, 2013:5, tradução minha).

De acordo com Rancière, conforme citado por Gaspar (2011), ficções são formas de dissenso (discordância) que consistem na essência da política. “Tais ficções não necessariamente carregam a intenção de polarizar ou criar conflitos de interesse entre grupos, mas são necessárias justamente pela possibilidade de confrontar uma visão de mundo com outra alternativa” (idem:3, tradução minha).

A ficção especulativa pode ser vista, portanto, como uma ferramenta fundamental para atos de dissenso na prática de design ativismo: elas encorajam uma resposta ou reação de quem as percebe, já que muitas vezes envolve a elaboração de futuros imaginários ou absurdos. Elas também contrariam a lógica de protótipos e a testagem de possíveis soluções praticáveis, já que não possuem o propósito de resolução direta de problemas — ao invés disso, fazem um convite à imaginação e reflexão de desejos e possibilidades coletivos ou individuais sobre um determinado tema de interesse comum.

Ao fazer uso da ficção especulativa, experiências de design ativismo podem assumir um papel de crítica, proposição e incitação ao debate para mudanças sociais. É importante considerar, no entanto, que a especulação ou proposição de futuros que ações de design ativismo podem viabilizar são temporárias e mutáveis — pelo menos nas condições em que essas práticas se situam hoje. Isso se deve a dois fatores: o tipo de ruptura da ordem social que um dissenso estético é capaz de produzir dificilmente consegue ser mantido a médio ou longo prazo — porém, ainda que seja momentâneo ou efêmero, o exercício de design ativismo abre uma lacuna imaginativa e potencialmente proveitosa entre formas consolidadas ou possíveis de pensar e projetar. Essas situações temporárias ajudam a criar novas estruturas de sentido e “abrem portas para formas alternativas de viver, pensar e agir” (GASPAR, 2011:3, tradução minha).

O segundo fator tem a ver com o fato de que a linguagem e ações dos ativistas costumam facilmente ser apropriados pelas forças neoliberais (FUAD-LUKE, 2017), de forma com que o repertório e abordagens de design ativismo precisam se manter em constante avaliação e atenção ao próprio contexto para que permaneçam cumprindo seu propósito. Além disso, a manutenção da independência dessa atividade de estruturas maiores de poder se torna um quesito fundamental para que a prática de design ativismo também siga contribuindo positivamente na cultura do dissenso, recusando-se a ser integrado num panorama projetual passivo de conformidade de ideias e visões de mundo.

4 Design ativismo na forma de intervenção urbana

A experiência urbana e cotidiana oferece um vasto campo de ideação para a prática de design ativismo. As cidades são os produtos mais evidentes de projeto e planejamento de design, arquitetura e urbanismo no âmbito coletivo: seu estado e disposição revelam os efeitos materiais das decisões que orientaram a ocupação ou desenvolvimento urbano naquele local. Num contexto neoliberal, o projeto e planejamento de cidades frequentemente beneficiam a exploração do espaço pela iniciativa privada, priorizando a construção de estruturas e espaços lucrativos para o empresariado, em detrimento de empreendimentos de usufruto público e gratuito.

Em conjunturas como essa, o design ativismo emerge como uma forma de abordar questões sociais e espaciais: como afirmam Zajzon, Bohemia e Prendeville, práticas de design ativismo podem combinar estratégias com o intuito de “reorientar subjetividades e articular reivindicações por uma mudança transformacional para os marginalizados dentro da urbe, ou abordar outras tensões alimentadas pelo neoliberalismo” (2017:13, tradução minha).

No Brasil, a experiência urbana é falha para a ampla maioria dos habitantes das cidades, que têm acesso restrito ou deficiente a direitos sociais fundamentais como transporte, saneamento básico, moradia, segurança e lazer. O espaço da cidade costuma ser uma demonstração visível das faltas e precariedades do seu próprio projeto — e são esses pontos, muitas vezes, que motivam as práticas de design ativismo urbano. Entretanto, essa atuação é alvo de muitas discussões e divergências entre autores do tema no que diz respeito ao seu potencial de impacto e efetividade política. Como Markussen escreve,

sob o rótulo do ‘direito à cidade’, muitas práticas ativistas urbanas foram anunciadas por sua capacidade de reivindicar as ruas e dar agência espacial para aqueles que não fazem parte da cidade neoliberal. No entanto, ativistas e estudiosos têm debatido como muitas dessas práticas são de fato capazes de resistir às forças e controle neoliberais, e se eles podem efetivamente levar à emancipação (MARKUSSEN, 2020:173, tradução minha).

O autor compara dois pontos de vista distintos: autores como Harvey, Borasi e Zardini propõem a ideia radical de que o ativismo urbano só é capaz de emancipar as pessoas a nível sistêmico se reunir práticas singulares em algum tipo de movimento social totalizante. Por outro lado, Crawford, Schrijver, Mayer e Purcell representam uma posição mais moderada, defendendo que o poder emancipatório do ativismo urbano é reduzido a atender necessidades e demandas sociais a nível local. O primeiro grupo de autores parece determinar a efetividade do ativismo urbano a partir de critérios tangíveis, justificando seu potencial a partir de conquistas e demandas alcançadas; o segundo, mais comedido, entende que há possibilidade para uma atuação localizada, sob condições mais flexíveis.

O que é evidente e concordado entre os dois grupos de autores é o fato de que o ativismo urbano encara limitações quanto aos seus efeitos práticos; sendo uma prática contextualizada na hegemonia neoliberal, o próprio ativismo pode ser absorvido e instrumentalizado pelas mesmas forças capitalistas que o motivam, perdendo então sua capacidade de resistir e reivindicar mudanças na cidade. Atestando o argumento do segundo grupo de autores, “o ativismo urbano pode levar a microrupturas momentâneas dessa ordem, mesmo que apenas para serem superadas e domadas depois. Assim, em sua conta, a parapolítica está ao virar da esquina, por assim dizer, como uma condição do ativismo urbano” (idem, 2020:176).

Dessa forma, podemos pensar que as práticas de ativismo urbano são ameaçadas por duas vias: uma de dominação, em que a prática é instrumentalizada pelas forças políticas

neoliberais, e uma de supressão, em que o ativismo é policiado, controlado e restringido. É essa segunda via pela qual o ativismo urbano é ameaçado que também carrega o maior potencial de disputa, manifestando mais expressamente a ideia de dissenso:

Tal colisão pode efetivar o dissenso estético, entendido como uma ruptura momentânea ou desordenamento da ordem de policiamento, ao invés de sua derrubada. Por meio dessa desordem, o que há de errado pode se tornar visível e corpos e partes podem ser arrancados dos nomes e lugares que lhes são atribuídos na ordem policial. Não se pode esperar que uma mudança duradoura da ordem policial ocorrerá ou não (ibidem, 2020:180, tradução minha).

Para Markussen, portanto, design ativismo urbano é uma prática momentânea justificada, porém sem garantias; se suas ações serão suprimidas pela ordem de policiamento, sequestradas pelas forças neoliberais ou alçadas ao debate público pela relevância de sua temática, é incerto dizer. Por fim, o autor acomoda o impasse sobre sua efetividade entendendo que não devemos enxergar o ativismo urbano como uma força externa que trabalha para a destruição do neoliberalismo; além disso, para entender o que pode ser esperado desse tipo de ativismo, é necessária uma estrutura conceitual mais refinada para análise — uma que considere, para além da intervenção singular, toda a ecologia urbana onde essa ocorre, incluindo fatores materiais e imateriais como políticas da cidade, leis, manuais de planejamento, notícias, mídia, etc (MARKUSSEN, 2020).

Para além do aspecto da contestação política direta, é possível pensar, também, na dimensão da experiência subjetiva que a prática de design ativismo urbano pode proporcionar, especialmente quando envolve o uso da especulação. A prática de design ativismo, enquanto ato estético de dissenso, não precisa estar implicada apenas nas disputas de poder ou de autoridades, mas pode atuar promovendo experiências e percepções do dissenso no espaço público por meio de ficções que destoam da realidade concreta do seu entorno.

Ainda segundo Rancière, conforme citado por Gaspar, ficções são como “processos que estabelecem novas relações entre aparência e realidade”, e a autora complementa: “se entendermos o design como uma ficção também no contexto das práticas estéticas contemporâneas, então o design também pode criar novos quadros de sentido e, ao fazê-lo, permitir o desenvolvimento de novas formas de subjetividade” (2011:2, tradução minha).

Compreende-se, dessa forma, que a contribuição exercício do design ativismo no espaço público reside também na alteração das condições para experiência urbana: ao inserir elementos visuais e materiais que transgridem o campo urbano de percepção, intervêm-se diretamente num espaço de experiência coletiva — essa mediação, ainda que de caráter sutil ou temporário, trata de oferecer ao público novas formas de existir nesse espaço.

5 Embaixo dessa rua corre um rio: um experimento de campo

5.1 Conceituação do experimento como ação de design ativismo

O experimento conceituado a seguir é resultado da disciplina “Design em um mundo em colapso”, ministrada pelos professores Zoy Anastassakis, Wellington Cançado e Frederico Duarte no segundo semestre do ano de 2021 no Programa de Pós-Graduação em Design da Escola Superior de Desenho Industrial. O exercício proposto consistiu em responder projetualmente à seguinte provocação: “como tomar posição, como designers, em um mundo em colapso?”. Atendendo a essa questão, desenvolvi o experimento “Embaixo dessa rua corre um rio”, uma ação sobre a experiência pessoal do descobrimento — literal e figurado — de um rio urbano. A partir da identificação de um rio enterrado-vivo no processo de ocupação e

urbanização na cidade do Rio de Janeiro, uso a especulação e a intervenção como ferramentas de reconhecimento de território e discussão de outros futuros possíveis para essa localidade.

Faço a escolha intencional de chamar esse processo de “experimento” e não de “projeto”, por se tratar de um teste de articulação entre intervenção urbana, design especulativo e design ativismo em caráter experimental, não intencionado como um projeto com objetivos de efeitos práticos e um ciclo completo de etapas de execução.

Como tratado na parte 2 deste artigo, não há consenso sobre o que define propriamente o que é design ativismo. Os vários autores citados usam diferentes critérios para elaborar e descrever ações de design ativismo, mas nenhum deles utiliza o número de pessoas envolvidas na ação — caracterizando-a como individual ou coletiva — como definidora do que é design ativismo. O critério de alcance ou impacto da ação também não é utilizado como definidor da prática, embora seja mencionado como fundamental para estruturação de um conjunto de técnicas e métodos pertinentes ao campo.

Por outro lado, ainda sendo um experimento pontual, ele cumpre critérios centrais que vários autores utilizam para caracterizar ações de design ativismo: trata-se de uma ação de viés intencionalmente político, que rompe com práticas rotineiras e sistemas de autoridade na localidade urbano, que usa de dados históricos e geográficos para revelar aspectos pouco visíveis da arquitetura e infraestrutura urbana, que questiona o mal uso dos recursos naturais existentes na localidade e que busca sensibilizar a experiência urbana a partir da imaginação e especulação sobre outras possibilidades para o espaço público. Como escreve Markussen, ao “abrir a relação entre o comportamento e as emoções das pessoas (...) o design ativismo torna a relação entre o fazer e os sentimentos das pessoas maleáveis para renegociações” (2013:2).

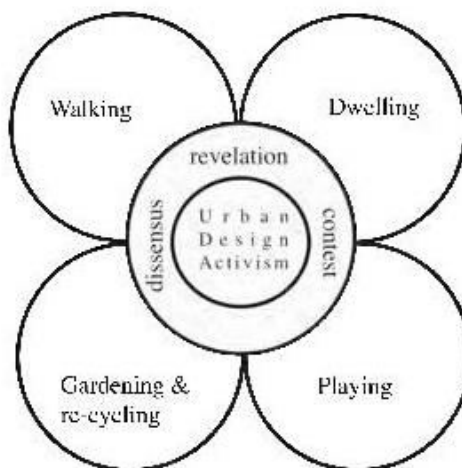
Esse experimento também tem por referência a tipologia inicial de ações de design ativismo proposta por Thorpe (apud FUAD-LUKE, 2009:80), podendo ser categorizado como uma ação informacional/comunicacional. Em complemento, faço uso do *framework* criado por Markussen especificamente para articulações de ação de design ativismo com o espaço urbano, sistematizando-as em categorias e efeitos. O experimento se situa na categoria de “caminhada”, tendo por principal efeito a “revelação”, embora também se relacione diretamente à “contestação” e “dissenso”. O autor reforça que esse *framework* deve ser considerado um passo inicial para estruturação do cenário que não pode ser provisionado antes de mais trabalhos e estudos da prática de design ativismo forem realizados.

Figura 2 — Uma tipologia inicial de ação para o design ativismo

Action	% of total	Explanation
Demonstration artefacts	28	Demonstrating positive alternatives that are superior to the status quo
Info/ communication	27	Making information visual/tactile, devising rating systems, creating symbols, making physical links, etc.
Conventional actions	13	Proposing legislation, testifying at political meetings, writing polemics, conducting research, etc.
Competitions	10	
Service artefacts	10	Humanitarian aid
Events	9	Conferences, talks, installations or exhibitions
Protest artefacts	3	Confrontational, even offensive, prompting reflection on the morality of the status quo
Source: Thorpe (2008) ²⁰		

Fonte: THORPE apud FUAD-LUKE, 2009:80

Figura 3 — *Framework* para design ativismo urbano



Fonte: MARKUSSEN, 2011:8

Há se mencionar também o valor estético e subjetivo do experimento, empreendido por meio da minha própria vivência individual como pesquisadora. Como atestam Nogueira e Portinari, a noção de que “processos de design devem ser presididos por um sistema objetivo e despidos de qualquer subjetividade é responsável por ampliar sua distância de uma prática política” (NOGUEIRA e PORTINARI, 2016:4). No campo teórico do design ativismo, a estética é “uma disciplina central para explicar como artefatos de design ativismo promovem mudança social por meio de seu efeito estético sobre os sentidos das pessoas, percepção, emoções e interpretações” (FUAD-LUKE apud MARKUSSEN, 2011:3, tradução minha).

5.2 Processo de elaboração e execução do experimento

Que a vida cotidiana é a questão central do design pode soar como uma afirmação óbvia, mas precisamente por causa dessa obviedade, designers críticos decidem desconstruir a paisagem dominante e hegemônica de coisas e atitudes. Como prestar atenção ao que é subestimado diariamente? Acontece na proximidade, na marginalidade, quase invisível, ignorado pelos discursos institucionais e camuflado por trás das situações mais banais (GASPAR, 2011:1, tradução minha).

Esse experimento parte da inspiração da canção *Iarinhas*, da cantora Luiza Lian, que começa repetindo os versos: “essa rua tem o nome de um rio que a cidade sufocou” (LIAN, 2018) — ao longo da música, a cantora evoca os nomes de alguns rios paulistanos enterrados ou deteriorados pelo processo de urbanização e industrialização daquela cidade. A imagem de rios correndo sob o asfalto — aos quais me refiro como enterrados-vivos —, no entanto, é tão intrigante quanto corriqueira; inúmeras metrópoles brasileiras têm um número considerável de rios historicamente relevantes (especialmente para suas populações nativas) sendo aterrados, canalizados, poluídos, mal geridos ou usados impropriamente no saneamento.

Num contexto pandêmico ainda marcado por muitas restrições, a primeira etapa consistiu em considerar quais recursos e espaços eu poderia acessar de forma segura o suficiente para conduzir um projeto por algumas semanas. Minha estratégia se pautou em observar o que estava ao meu alcance imediato, aos fatos e vivências habituais: a partir da inspiração pelos

versos de larinhas, iniciei uma investigação sobre os rios urbanos na cidade do Rio de Janeiro, onde moro há muitos anos. O primeiro passo da pesquisa consistiu no mapeamento preliminar de quais rios cariocas sofreram o processo de “enterramento” ao longo da história da cidade.

Dois materiais foram essenciais para o desenvolvimento do experimento, em especial nesse primeiro momento: o manual sobre os rios, canais e corpos hídricos da cidade do Rio de Janeiro, da Fundação Rio-Águas, e o plano municipal de saneamento básico da cidade do ano de 2015, produzido pela prefeitura. Estudando esses documentos e algumas matérias jornalísticas sobre inundações fluviais na cidade nos últimos anos, encontrei um dado que se tornaria o norte do projeto a partir dali: a pouco mais de um quilômetro de distância da minha casa, um rio corria debaixo do asfalto, atravessando inclusive parte do Cemitério São João Batista: o Rio Berquó.

Estar tão próxima a um rio que cruzava um bairro inteiro sem sequer desconfiar de sua existência foi, além de uma surpresa, uma evidência da obliteração que o processo de urbanização pode provocar no território nativo, distanciando a natureza do entorno de seus atuais habitantes. A cidade do Rio de Janeiro — localizada entre lagoas, rios, enormes maciços de pedra e o mar — é um caso eminente da radicalidade que as intervenções humanas podem assumir sobre o meio ambiente.

No processo de tomar conhecimento da existência do rio Berquó, segui trabalhando na pesquisa histórica e técnica a seu respeito, com o intuito de compreender os processos aos quais ele foi submetido no último século e suas atuais condições de uso e conservação. A partir desse momento, o objetivo do projeto estava claro: fazia-se necessário apresentar o Berquó a outras pessoas que circulavam nos seus arredores e acompanhavam, inadvertidos, o caminho de suas águas correndo silenciosamente sob o asfalto.

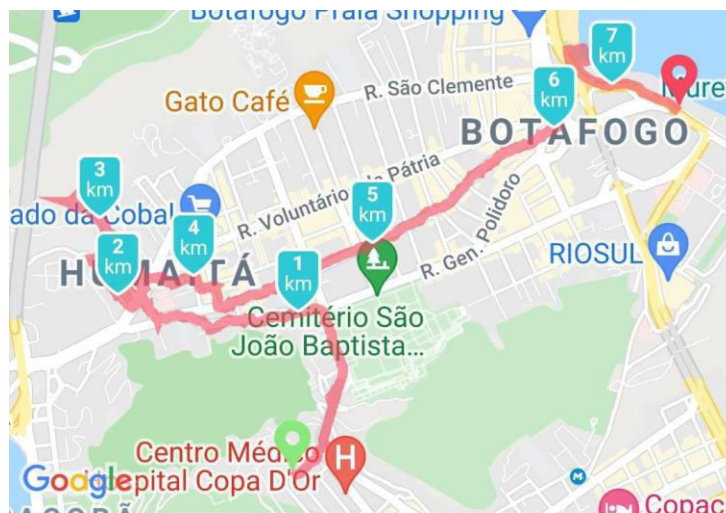
A delineação exata do curso do rio foi uma etapa parcialmente comprometida pela incongruência e falta de informações atualizadas e facilmente disponíveis sobre ele. Várias descrições textuais encontradas a respeito do Berquó informavam nomes de ruas as quais ele supostamente atravessava, mas que não correspondiam exatamente ao desenho do curso do rio sinalizado nos mapas do plano de saneamento municipal de 2015 ou do manual sobre os corpos hídricos da cidade. Optei por seguir os mapas presentes nessas publicações vinculadas aos órgãos responsáveis e à própria prefeitura da cidade. Com isso, pude desenhar o provável trajeto do rio sob o asfalto, e parti para uma experiência que pode ser descrita como um “percurso imaginário por um rio (quase) invisível”.

No feriado da República, dia 15 de novembro de 2021, saí de casa por volta das 16:00 em busca do rio Berquó. Com a ajuda de um aplicativo que mapeou meu deslocamento a pé do início ao fim, atravessei o Túnel Velho, que separa os bairros de Botafogo e Copacabana, e segui em direção ao Humaitá, onde os mapas localizavam a nascente do Berquó. Sem qualquer expectativa sobre o que poderia encontrar neste local, subi a rua Viúva Lacerda — uma das mais altas do bairro, que termina nas encostas do Corcovado. Enquanto subia o declive, vi aos poucos o cenário mudando, como é comum na cidade do Rio de Janeiro, quando começamos a nos aproximar da área de mata: o barulho diminui, a sombra e umidade aumentam. No final dessa rua sem saída, após uma última casa, subi mais um pouco, virei uma leve curva e me deparei, enfim, com uma área onde se via uma parede de pedra ladeada por uma escada. Ali, foi possível subir e observar, de cima, um curso d’água que corria entre as pedras: estava ali o rio Berquó, em seu único trecho desobstruído.

Acompanhar a descida de um rio invisível caminhando cerca de 6 km, cruzando ruas e observando a realidade na superfície do asfalto foi, sobretudo, uma experiência atípica no meu cotidiano; algo como uma quebra de realidade, uma distorção da minha percepção sobre

tecido urbano, uma fantasia temporária. Além de tomar conhecimento (agora presencial) de um rio enterrado-vivo, a experiência da caminhada ao longo do seu percurso proporcionou, a nível pessoal, a identificação de um território comum familiar sob nova perspectiva.

Figura 4 — Registro em mapa da visita de campo ao Berquó



7,37 1:48:07 14:40
km tempo min/km

Fonte: a autora.

Numa perspectiva complementar a essa, o percurso do Berquó percebido na caminhada sobre o asfalto também me pareceu uma acurada evidência histórica do desenvolvimento da cidade desde o princípio da ocupação local até os dias de hoje. O Berquó nasce de águas límpidas na mata, onde logo se esconde debaixo da rua; neste primeiro trecho, as construções são predominantemente casas residenciais — algumas delas, bem antigas, com visíveis décadas de vida, embora muito bem conservadas, dada a área nobre em que se localizam.

Conforme o rio vai descendo e cruzando o bairro de Botafogo em direção ao mar, o cenário muda bastante: há primeiro uma mistura de casas antigas abandonadas com casas mais simples, e começam a surgir neste cenário grandes condomínios de prédios com vários blocos e andares. Os postos de gasolina se tornam presenças frequentes nas esquinas.

Seguindo o rio invisível sob o asfalto, já se aproximando da praia, o cenário muda ainda mais: a vista de condomínios residenciais de luxo é substituída por prédios corporativos imponentes e vários estacionamentos de automóveis. Ao alcançar a orla de Botafogo, caminhando junto a outros pedestres por debaixo de um viaduto, atravesso a pista de alta velocidade por uma passagem subterrânea para chegar até a praia.

A praia de Botafogo — onde a história de ocupação da cidade começou — é uma das vistas mais conhecidas do Rio de Janeiro, mas também uma praia imprópria para banho, ocupada por embarcações. Andando na faixa de areia, ao canto direito, é possível ver a comporta que hoje é a foz do Rio Berquó. Das águas límpidas que brotam da mata no alto do Humaitá, atravessando um bairro inteiro debaixo das ruas, desaguando em meio ao lixo e esgoto na praia: o percurso do Berquó é uma epítome simbólica do processo de ocupação pelo qual o Rio de Janeiro passou, e da sua problemática relação com a natureza.

Figura 5 — Registro da intervenção



Fonte: a autora.

Com esse percurso ainda vívido em mente, finalizei os textos elaborados a partir da pesquisa técnica e histórica, preparei e imprimi adesivos a serem instalados ao longo do trajeto coberto do Berquó. A intervenção foi realizada na manhã de 17 de novembro de 2021, dois dias após a primeira experiência de conhecimento do trajeto. Os locais de intervenção foram suportes comuns de arquitetura e mobiliário urbano: postes, corrimões, bancos de cimento, placas, caixas de instalação elétrica, paredes de área pública ou abandonada. Ao todo, foram produzidos e instalados 78 adesivos que traziam informações sobre o Rio Berquó ou sinalizavam o seu percurso, desde a sua nascente até a sua foz.

Figura 6 — Registro da intervenção



Fonte: a autora.

Figura 7 — Registro da intervenção



Fonte: a autora.

Dentro do conjunto total dos adesivos, há 14 modelos distintos: alguns sinalizam a existência do Berquó, outros informam dados históricos ou factuais sobre ele e outros rios da cidade. Todos foram distribuídos de forma variada, com o propósito de fornecer uma narrativa coerente a quem for caminhar por essas ruas. Alguns deles são propositadamente inusitados: “ATENÇÃO: rio debaixo do asfalto” ou simplesmente “PRAZER, RIO BERQUÓ” não tratam de informar o leitor, mas intrigá-lo o suficiente para que se atentasse aos outros adesivos informativos e instigasse a descobrir mais a respeito. Dialogando com a conceituação que Gaspar faz (2011), esse experimento pode ser qualificado como uma “f(r)icção de design”, uma micro-situação de dissenso. Citando a mesma autora, Fuad-Luke escreve:

Ficções devem ser entendidas como projeções, e fricções como irritações, para fabular o lugar-comum. Sua palavra ‘comum’ pode ser traduzida como significando conjuntos materiais sociais onipresentes que compartilhamos e encontramos todos os dias. Acredito que os ativistas do design podem oferecer uma contribuição poderosa para o desenvolvimento de contra-narrativas, contra-diálogos e contra-ações que reformulem os problemas cotidianos como possibilidades (FUAD-LUKE, 2015: online, tradução minha).

Figura 8 — Registro da intervenção



Fonte: a autora.

Alguns aspectos devem ser ressaltados em relação ao alcance dos objetivos desta ação. O experimento foi realizado tendo por objetivo a introdução e provocação de um tema aos transeuntes — que, ao perceberem a intervenção, poderiam vir a descobrir que, debaixo das calçadas por onde caminham, corre um rio enterrado-vivo. O alcance e efeitos da intervenção não poderiam ser facilmente medidos, tratando-se de um experimento de caráter especulativo, sem etapas posteriores de acompanhamento ou expectativa de mudanças concretas a partir da ação.

Apesar disso, um fato curioso sucedeu sua realização, após algumas semanas: alguns dos adesivos instalados nos locais de maior exposição do trajeto foram retirados, como no poste na beira da praia de Botafogo e em mobiliários próximos aos prédios corporativos nos trechos finais da rua Mena Barreto. Nestes casos, outros adesivos e cartazes presentes justapostos aos deste experimento permaneceram intactos durante o mesmo período.

É possível levantar a hipótese de que este experimento, ao ser compreendido como uma provocação especulativa de ruptura da realidade material, tenha sofrido uma supressão pela ordem policiadora local. No entanto, o escopo do projeto não incluía o rastreamento de seus efeitos e recepção, etapas inviáveis considerando as circunstâncias em que ele foi executado. Para confirmar esta hipótese, seria necessário o desdobramento deste experimento pontual em um projeto completo, com etapas posteriores à ação.

Alguns dos parâmetros para avaliação dos seus efeitos poderiam envolver (i) a observação de campo por um período de tempo estabelecido nas localidades em que os adesivos foram instalados, atentando-se à possíveis remoções intencionais dos artefatos, o que poderia ser viabilizado por meio da articulação de voluntários residentes em vários pontos do percurso da ação; (ii) a adição de um QR code nos adesivos que direcionasse os transeuntes interessados para um site ou agregador de informações a respeito do rio Berquó e de outras questões ambientais acerca dos rios da cidade, possibilitando uma coleta do número de acessos ao site e, portanto, pessoas positivamente impactadas pela ação. Além disso, pensando numa possível expansão do experimento para um projeto colaborativo, o contato com pesquisadores e especialistas na hidrografia da cidade e mais designers ativistas proporcionaria o desenvolvimento de projetos de design especulativos na temática dos rios urbanos.

Figura 9 — Registro da intervenção



Fonte: a autora.

De toda forma — e especialmente, na condição de experimento — a efemeridade, como já citada anteriormente, é um aspecto comum do design ativismo urbano. Apesar da duração limitada, o propósito deste experimento como ato estético de dissenso foi cumprido, especialmente se considerarmos o potencial de alteração da percepção da experiência urbana sobre o qual o projeto foi concebido. Como escreve Markussen,

o objetivo final [do dissenso estético] não é a realização de utopias sociais grandiosas por meio de atos violentos, motins ou revolução, mas uma perturbação não-violenta da auto evidência com a qual os sistemas de poder existentes controlam e restringem o desdobramento de nosso comportamento e interação cotidiana. O caráter disruptivo do dissenso estético reside na forma sutil com que atravessa hierarquias entre práticas e discursos trabalhando para estabelecer zonas onde os processos de subjetivação são momentaneamente livres para acontecer. (2013:5, tradução minha)

Dessa forma, o Berquó, um dos rios enterrados vivos no processo histórico de urbanização do Rio de Janeiro, pôde ser novamente reconhecido, ainda que de forma figurativa, temporária e circunscrita, ao longo de algumas semanas no final do ano de 2021.

Figura 10 — Registro da intervenção



Fonte: a autora.

6 Considerações finais

O experimento baseado no rio Berquó levantou uma série de novos questionamentos a respeito do potencial de uma prática de design ativismo. Embora meu objetivo com o projeto tenha sido o de revelação da existência de um rio local embaixo do asfalto — intenção materializada por meio de adesivos informativos ou provocadores de uma fricção da experiência cotidiana —, ao entrar em contato com o diálogo teórico dos autores mencionados neste artigo, compreendo que muitas outras abordagens podem ser consideradas para esse tipo de prática.

Por se tratar de uma atividade que tensiona os limites da própria atuação e faz uso de meios não-convencionais para sua prática, o exercício do design ativismo tem uma predisposição pelo apontamento de questões ou circunstâncias problemáticas que afetam grupos sociais específicos ou a coletividade de forma geral. Essa inclinação pode tomar a forma de denúncia ou reivindicação explícitas, bem como de provocação e sensibilização, como atesto ser o caso do experimento do Berquó.

Por outro lado, esse experimento de design ativismo também produziu impactos subjetivos sobre a minha vivência como transeunte e moradora dos arredores do local onde a intervenção foi realizada. Tomar conhecimento da existência do rio enterrado-vivo sob o asfalto foi a primeira implicação sobre a minha relação subjetiva com o espaço daquele bairro. Caminhar a pé desde sua nascente até sua foz, seguindo o provável curso de suas águas, me permitiu enxergar melhor algumas das várias camadas do processo histórico de ocupação da cidade do Rio de Janeiro, reveladas nas sobreposições de casas, prédios, ruas, viadutos e estruturas do tecido urbano de diferentes tempos e origens.

Um terceiro efeito agora se faz presente nas ocasiões em que chuvas fortes incidem sobre a cidade, fazendo surgir bolsões d'água e alagamentos em inúmeras localidades: sendo o bairro de Botafogo um ponto frequente desse tipo de problema, quando tomo conhecimento das notícias das inundações nos seus arredores, percebo que é, também, a memória do Berquó que emerge durante as chuvas: não apenas uma memória metafórica, mas uma evidência

histórica de como este rio foi explorado, alterado, poluído, canalizado e, finalmente, ocultado sob o asfalto. Retornando à letra da canção que inspirou a realização do projeto, relembro os versos que se assemelham à uma fabulação do próprio rio:

A vontade do rio de voltar
Às vezes sacode de algum lugar
Ele dorme até a chuva chegar
Mas a tempestade vem anunciar
E uma enchente lembra a população
Que o que é rua antes era vazão (LIAN, 2018)

A partir dessa experiência, compreendo que ações de design ativismo podem provocar alterações significativas e ampliar perspectivas nos processos de subjetivação individual na experiência urbana. Além disso, podem incluir e incentivar práticas objetivas de resgate, cuidado e reparação nos espaços públicos — demandas constantes no exercício de manutenção de bens coletivos e direitos cidadãos, tão frequentemente negligenciados pelo poder público.

Ao final, o design ativismo, nas discussões mais recentes envolvendo os autores mencionados neste artigo, ainda é uma prática em construção, carregando vasto potencial, mas ainda pouca experiência. Me parece evidente, contudo, que seu exercício e continuidade em contextos urbanos atravessados por problemas e desafios complexos é tão desafiador quanto necessário: é precisamente nesses cenários marcados por disputas, descaso e precariedade que uma prática relevante de design ativismo pode emergir, mediando discursos distintos e promovendo uma cultura de dissenso.

7 Referências

ALVIM, Mariana. **Rios cariocas: entre o esquecimento e o futuro**. O Globo, Rio de Janeiro, 22 de março de 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/bairros/rios-cariocas-entre-esquecimento-o-futuro-15652879>>. Acesso em: 23 de setembro de 2021.

DISALVO, Carl. (2010). **Design, Democracy and Agonistic Pluralism**. In: DURLING, David, CHEN, Lin-Lin, POLDMA, Tiiu, ROWORTH-STOKES, Seymour and STOLTERMAN, Erik (Eds.). Design and Complexity - DRS International Conference 2010, Montreal, Canadá. Disponível em: <https://dl.designresearchsociety.org/drs-conference-papers/drs2010/researchpapers/31>

DUNNE, Anthony. & RABY, Fiona. **Speculative everything: design, fiction, and social dreaming**. The MIT press, 2013.

FORTY, Adrian. **Objects of desire**. New York: Pantheon Books, 1986.

FUAD-LUKE, Alastair. **Design activism: beautiful strangeness for a sustainable world**. Londres: Earthscan, 2009.

FUAD-LUKE, Alastair. **Design activism's teleological freedoms as a means to transform our habitus**. Disponível em: <http://agentsofalternatives.com/?p=2539>. Acesso em 24 de março de 2022.

FUNDAÇÃO INSTITUTO DAS ÁGUAS DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. **Rios de Janeiro: Um manual dos rios, canais e corpos hídricos da cidade do Rio de Janeiro**. 1a. edição. Rio de Janeiro: Fundação Rio-Águas, 2020. Disponível em:

<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/12762726/4321903/Arte_Livro_Rios_do_Rio_28x28_CM_Fechado_Final_Atualizado_Abr_2021_final.pdf>. Acesso em: 23 de setembro de 2021.

GASPAR, Mónica. **F(r)ictions. Design as Cultural Form of Dissent**. Artigo apresentado na conferência Design Activism and Social Change, organizada pela Design History Society, 7-10 setembro. Barcelona, Espanha, 2011.

GRINBERG, Felipe. **Após ressaca, lixo e esgoto invadem Enseada de Botafogo**. O Globo, Rio de Janeiro, 1 de agosto de 2019. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/apos-ressaca-lixo-esgoto-invadem-enseada-de-botafogo-23846562>>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

JULIER, Guy. **Political Economies of Design Activism and the Public Sector**. Artigo apresentado na conferência Nordes 2011 - Making Design Matter, 29-31 de maio, School of Art & Design, Aalto University. Helsinque, Finlândia, 2011.

JULIER, Guy. **From Design Culture to Design Activism**. Design and Culture, 5:2, 215-236, 2015.

LIAN, Luiza. **Iarinhas**. In: LIAN, Luiza. Azul Moderno. São Paulo: RISCO, 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vSs3P5-Velg&ab_channel=LuizaLian. Acesso em: 30 de março de 2022.

MARKUSSEN, Thomas. From Impure Politics to Parapolitics. In: TRAGANOU, Jilly (Ed.). **Design and politics dissent: Spaces, visuals, materialities**. London: Routledge, 2020. p. 171-183. (Routledge Research in Design Studies).

MARKUSSEN, Thomas. The Disruptive Aesthetics of Design Activism: Enacting Design Between Art and Politics. **Design Issues** 29, no 1, janeiro de 2013. p. 38-5.

MARKUSSEN, Thomas. The impure politics of design activism. In: BIELING, Tom. **Design (&) Activism: Perspectives on Design as Activism and Activism as Design**. Design Meanings 1. Italy: Mimesis International, 2019. p. 35-46.

NOGUEIRA, Pedro C.B.; PORTINARI, Denise B. **Por um design político**. In: Anais do 12º Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design [= Blucher Design Proceedings, v. 9, n. 2]. São Paulo: Blucher, 2016. p. 182-192.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. **Plano municipal de saneamento básico da cidade do Rio de Janeiro**, 2015. 192p. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4282910/4152311/PMSB_DRENAGEMEMANEJODEAGUASPLUVIAIS.pdf>. Acesso em: 23 de setembro de 2021.

RANCIÈRE, Jacques. **The Politics of Aesthetics: The Distribution of the Sensible**. London and New York: Continuum, 2004.

REGIS, Carolina R. **Rios e esgoto em Botafogo**. Olhar Oceanográfico, 2016. Disponível em: <<https://olharoceanografico.com/rios-e-esgoto-em-botafogo/>>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

SERPA, Bibiana; JULIANO, Clara; ANASTASSAKIS, Zoy. **Design Anthropology e Design Ativismo: investigando métodos situados**. In: Anais do 13º Congresso Pesquisa e Desenvolvimento em Design (2018). São Paulo: Blucher, 2019. p. 1580-1596.

TEMPORAL deixa Rio em estágio de atenção, alaga ruas e leva à suspensão da circulação de trens. G1, Rio de Janeiro, 17 de dez. de 2021. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2021/12/17/rio-entra-em-estagio-de-mobilizacao-por-causa-da-chuva.ghtml>>. Acesso em: 12 de abril de 2022.

TEMPORAL deixa Rio em 'alerta', alaga ruas e 57 sirenes são acionadas em comunidades: 'Evitem circular', diz prefeito. G1, Rio de Janeiro, 1 de abril de 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/04/01/rio-tem-previsao-de-mais-chuva-forte-nesta-sexta.ghtml>>. Acesso em: 12 de abril de 2022.

THORPE, Anne. **Defining Design as Activism**. Artigo submetido ao Journal of Architectural Education, University College London, 2011.

ZAJZON, N., BOHEMIA, E. and PRENDEVILLE, S., 2017. **Exploring articulations of design activism**. In: Bohemia, E., de Bont, C. and Holm, L.S. (eds.) Conference Proceedings of the Design Management Academy 2017: Research Perspectives on Creative Intersections, Hong Kong, 7-9 Junho 2017. London: Design Management Academy, vol. 4, pp. 843-864.